

EM BUSCA DA TRAJETÓRIA DE GRAMATICALIZAÇÃO DAS CONJUNÇÕES PORTUGUESAS: SÉC. XVIII.

Therezinha Maria Mello Barreto
Universidade Federal da Bahia

ABSTRACT: *This work is part of a major one based upon texts from the XIII to the XVII centuries and upon oral speech texts of the XX century in which the gramaticalization process of 136 conjonctional items were analysed. Now based on XVIII century texts we try to complete the gramaticalization process of certain items that did not occur in texts of the XVII century or that did not present in that century the same behavior as in the portuguese language of the XX century.*

KEY-WORDS: *grammaticalization – conjunctions – reanalysis.*

RESUMO: *Este trabalho insere-se em um trabalho maior, baseado em textos do séc. XIII ao XVII e em textos de língua falada do século XX, nos quais foi analisado o processo de gramaticalização de 136 itens conjuncionais. Com base em textos do séc. XVIII, tenta-se agora completar o processo de gramaticalização de alguns itens que, ou não ocorreram em textos do séc. XVII ou não apresentaram nesse século, o mesmo comportamento verificado no português contemporâneo.*

PALAVRAS-CHAVE: *Conjunções – Gramaticalização – Reanálise.*

Este trabalho se insere em um trabalho maior que visa a complementar uma pesquisa anterior, referente aos diversos processos de gramaticalização experimentados por 136 itens conjuncionais detectados em textos dos sécs. XIII, XIV, XV, XVI e XVII e em textos de língua falada do Brasil e de Portugal, do séc. XX, concluído como Tese de Doutorado, em 1999, quando não era ainda muito fácil a consulta a textos informais ou não-literários dos sécs. XVIII e XIX, escritos por brasileiros ou portugueses radicados no Brasil. Uma vez que já é disponível um *corpus* relativamente extenso de textos desses dois séculos, procura-se preencher as lacunas deixadas no estudo anterior e completar, com dados evidentes, a trajetória de gramaticalização de alguns dos itens conjuncionais, isto é, daqueles que hoje existem, mas não haviam sido documentados em textos anteriores ao séc. XVIII ou daqueles que, no séc. XVII, ainda apresentavam forma ou comportamento diverso do atual.

O *corpus* utilizado para o estudo inicial dos itens conjuncionais no séc. XVIII, editado por Afrânio Gonçalves Barbosa, na sua tese de Doutorado, apresentada à Universidade Federal do Rio de Janeiro, acha-se constituído de 24 documentos oficiais e 93 cartas da última década do referido século, escritas no Rio de Janeiro, por portugueses radicados no Brasil e, com exceção de duas, enviadas a um opulento comerciante português cujas atividades se estendiam não só ao Brasil, mas também a outras colônias portuguesas e outros países da Europa.

Adotando o pressuposto funcionalista, admite-se a língua como um elemento maleável, não-determinístico, sujeito a modificações contínuas provocadas pelos seus usuários, concebidos como criadores, atores e transformadores das suas estruturas. Tenta-se, pois, demonstrar como, a cada passo, no intuito de transmitir novas

informações, o falante modifica a língua moldando-a, convenientemente, às suas necessidades comunicativas e, através de processos metonímicos, metafóricos ou mesmo analógicos vai se processando a gramaticalização, passagem de um item lexical a um item gramatical ou de um item menos gramatical a um item mais gramatical. É o que poderá ser observado na trajetória de gramaticalização de alguns itens que serão aqui apresentados: **primeiro que**, **caso que** e **enquanto**.

Primeiro que

Esse item conjuncional constituído do advérbio **primeiro** que representa a gramaticalização do numeral ordinal **primeiro**, do latim **primariu**, associado à conjunção **que**, ocorreu, no *corpus* consultado anteriormente, apenas uma única vez, no **Diálogo da Viciosa Vergonha**, de João de Barros, texto do séc. XVI, significando ‘antes que’.

Não foi encontrado nos textos do séc. XVII; também não aparece nos elencos das conjunções apresentados pelos gramáticos contemporâneos, nem foi documentado nos 30 diálogos do Projeto NURC/Brasil ou nos 140 extratos de entrevistas do Português Fundamental, utilizados também como *corpus* do trabalho anterior, já citado.

Nos textos do séc. XVIII, o item conjuncional **primeiro que** é empregado, quer como conjunção subordinativa temporal significando ‘antes que’, quer com valor de locução prepositiva, significando ‘antes de’ na expressão **primeiro que tudo** = ‘antes de mais nada’:

[*Po* } *r meperçuardir esta lhe chegue amão primeiro que eu chegue aessa; (C.04, l. 03-4).*
Primeiro que tudo estimarei esteja de saude, eque lheprezista como lhedesejo (C.90, l.).

É interessante observar que, embora não conste dos elencos das conjunções citadas pelos gramáticos contemporâneos consultados, esse item conjuncional é bastante empregado no português falado do Brasil, especialmente no registro popular, em frases do tipo:

Vou sair, primeiro que você.
Vou chegar, primeiro que você.

Também a expressão “**primeiro que tudo**” é bastante usada na língua falada, em frases como:

Primeiro que tudo, deixe que lhe explique o que ocorreu.

Na sua trajetória de gramaticalização o item conjuncional **primeiro que** parece ter experimentado, inicialmente, uma **recategorização** – passagem do numeral **primeiro**, ao advérbio **primeiro** = ‘primeiramente’ e posteriormente à conjunção **primeiro que**, ‘antes que’. A passagem do advérbio à conjunção parece ter ocorrido em consequência de uma reanálise, isto é, de uma nova interpretação de períodos em que o advérbio **primeiro** aparecia seguido da conjunção **que** com o valor semântico temporal. Por um processo metonímico, o advérbio assimilou o valor semântico da conjunção e passou a constituir com ela um único item conjuncional temporal. Embora o valor semântico temporal do **que** só tenha sido detectado em textos do séc. XX, o fato de esse item conjuncional ter sido, na história da língua portuguesa, um signo abstrato de subordinação, cujo sentido era determinado pelo contexto em que ocorria, ou melhor, pela pressão pragmático-discursiva, permite admitir que ocorresse, em séculos anteriores, também com esse valor semântico o que explica a constituição do item **primeiro que**. Uma outra possibilidade seria admitir ter sido a associação com o **que**

provocada pela analogia a outros tantos itens conjuncionais portugueses: **ainda que**, **até que**, etc. A mudança do conteúdo semântico de ‘primeiramente’, para ‘antes que’ é facilmente explicável uma vez que o que ocorre **primeiramente**, ocorre **antes de** algo.

Percorrida a trajetória proposta por Heine, Claudi e Hünne Meyer (1991:179):

ESPAÇO > TEMPO > TEXTO

a forma **primeiro** associou-se a novos significados progressivamente mais abstratos:

primeiro > antes > antes que = relação temporal
 ↓ ↓ ↓
 espaço tempo texto

Primeiro que tem hoje emprego restrito. O fato de ter ocorrido em um texto do séc. XVI e em textos do séc. XVIII permite concluir não ter havido interrupção no seu emprego. Como para o séc. XVII foram apenas consultados textos de Vieira (4 sermões e 41 cartas) pode-se supor que, sendo um item conjuncional característico da língua falada, não tenha sido empregado pelo autor, nos seus textos, por receio do mesmo, de afastar-se da tradição, empregando em textos escritos um item típico do falar usual.

O fato de ainda ser usado apenas na língua falada parece indicar ser um item conjuncional empregado exclusivamente para satisfazer necessidades comunicativas, no processo de interação verbal.

Caso que

A conjunção **caso que** é constituída do substantivo **caso** associado à conjunção **que**. **Caso** provém do substantivo masculino latino **casus** - que, como afirma Gaffiot (1934), significava: ‘ação de cair’, ‘chegada súbita’, ‘acidente’, ‘ocasião’, e ‘caso gramatical’. Passou para o português significando, inicialmente, ‘acontecimento’, ‘fato’, ‘circunstância’ e assumiu, posteriormente, os sentidos de ‘faculdade’, aventura amorosa’, ‘importância’, ‘desavença’, passando ainda a fazer parte de lexias como ‘não fazer caso’, ‘não vir ao caso’.

Caso ocorre, em um documento do séc. XVI, especificamente na CT¹, CXIX, associado à conjunção **que**, constituindo a conjunção subordinativa condicional **caso que**, a qual, segundo Said Ali (1921: 219), é uma forma reduzida de **sendo caso que**.

*... depois que entrey na ydade da Rezão, e pude conhecer quanta pera isso tynha, que he oferecer a vosa alteza, a vontade muy subjecta e obidiente a tudo o que me mândar e de my D ouver seu serviço. E **caso que** estas palavras cõ as obras, de que outros podem dar testemunho, mostrem aver em my D a obidiençia que digo, todavia não me acabo de satisfazer, por que mayor he e muito mays conte D em sy do que posso escrever (CM, CLXXI, l. 10-5).*

Said Ali afirma ainda que a conjunção **caso que** possuía também um valor concessivo decorrente de **posto caso que**, especialmente entre os autores quinhentistas. Entretanto, no *corpus* consultado, essa conjunção não foi encontrada com esse específico significado.

No português contemporâneo, a conjunção **caso que** reduziu-se a **caso**. É, comumente, empregada em textos orais ou escritos, sendo mais freqüente nos textos de língua falada.

Na gramaticalização desse item conjuncional, parece ter havido, no séc. XVI, além da recategorização:

¹ Carta nº 119, de Theodosius, filho do Duque de Bragança. In: Cartas da Corte de D. João III – séc. XVI.

substantivo + conjunção > conjunção

a reanálise, isto é, uma nova interpretação do item. Empregado comumente em construções em que se encontrava seguido da conjunção condicional **que**, **caso** perdeu o conteúdo semântico de origem e assimilou o da conjunção **que** condicional, bastante empregada na época, formando com ela um único item, para expressar a relação de condição.

Posteriormente, um novo processo de gramaticalização ocorre e, à semelhança de outros itens conjuncionais do português, **caso** passa a ser empregado isoladamente, sem a conjunção **que** da qual, por metonímia, assimilou o conteúdo semântico condicional. O fato de não ter ocorrido nos textos do séc. XVII impossibilita saber se, no referido século, a forma empregada era **caso que** ou **caso**.

No registro coloquial, costuma-se empregar **se caso**, em construções do tipo:

Se caso ele vier, vou dizer tudo.

Pensou-se, inicialmente, estar o falante reforçando o valor semântico condicional do **se**, com o emprego de uma outra conjunção, expressando a mesma relação de condição, fato também observado com a conjunção adversativa **mas** que, na língua falada, aparece reforçada pela conjunção também adversativa **porém**, constituindo a seqüência **mas porém**. Entretanto observou-se, nos textos do séc. XVIII consultados, ser bastante comum a ocorrência de períodos hipotéticos em que a conjunção condicional acha-se seguida do advérbio **acazo**. Pode-se, pois, supor que construções com **se caso** não contenham duas conjunções condicionais, mas sim, a conjunção **se**, seguida do advérbio **acazo**, o qual, tenha, por analogia à conjunção **caso**, assumido forma idêntica:

Ahi lhe Remeti eses conhecimentos e Facturas que elas Rezão para Vossa Mercê fazer oque bem quizer do Algodão e das 3 Caixas de Asucar para oSeu pagamento e se acazo Vossa Mercê quizer Venderá... (C. 06, l. 03-6).

Nos textos do séc. XVIII, foram detectadas, além da conjunção **cazo**, a locução prepositiva **no caso que** ~ **no caso de**:

*... eomesmo dirá a Jorge A. da Fonseca. **Caso** elle porsiga na mesma ordem que lhe dey. (C. 32, l. 40-1).*

*Eu aqui tenho noticia de que vossa merce tinha comprado hum Corssario para mandar para lá muito bom devella, **Cazo** assim seja vossa merce fará Conta com todo o Resto da Carga dasua Carregação, ou eu Carregallo de Nossa Conta pois me dizem que elle é piqueno. (C. 40, l. 37-40).*

*... peloque mepersuado queira Igualmente porteger-me, e **no Cazo que** minha May emeu Irmão terei nomeado outro procurador para esta Cauza... (C. 57, l. 10-2).*

*... Yulgo the vinte deste mez estarão prontos, epoderão sahir logo deste Porto **no Cazo** deterem chegado os diamantes de Minas eassim mo detremine o Vice-Rey... (C. 96, l. 18-21).*

É interessante observar que tanto **primeiro que** quanto **caso que** ocorrem, no séc. XVIII, também como locuções prepositivas, o que permite verificar ter havido um estágio de oscilação em que os itens foram empregados como locuções prepositivas ou conjunções, antes que as formas associadas ao **de** fossem fixadas, na língua, como locuções prepositivas e aquelas com o **que**, como conjunções subordinativas. Deve-se levar em conta, contudo, que os documentos do séc. XVIII consultados são documentos correspondentes a um registro próprio de determinado tipo de informantes, os

comerciantes, e têm por objetivo transmitir notícias a respeito da remessa de gêneros a Lisboa, o que equivale a dizer que foram consultados documentos portadores de fórmulas mais ou menos fixas, características desse tipo de comunicação. A pesquisa em textos do séc. XVIII deve, pois, continuar para checar o emprego desses e de outros itens conjuncionais em outros tipos de textos.

Do exposto, pode-se constatar a contribuição dos textos do séc. XVIII para um melhor conhecimento da trajetória de gramaticalização desses itens conjuncionais e afirmar que os processos de mudança lingüística não ocorrem de forma arbitrária, mas são decorrentes das pressões do uso, das necessidades comunicativas, enfim, da interação verbal.

Enquanto

Justaposta ao indefinido **quanto**, a preposição **em** deu origem à conjunção temporal **enquanto** ‘no momento que’, empregada na língua portuguesa, desde o séc. XIII, nas formas **enquanto**, **em quanto**, e **quãto**, **em quãto**.

Embora a gramaticalização da forma **enquanto**, do ponto de vista semântico e sintático já tenha ocorrido desde o séc. XIII, a justaposição definitiva da preposição ao pronome parece ter se dado muito tempo depois, já que, no séc. XVIII, era comum, ainda, a variante em que a preposição aparecia separada do pronome.

A conjunção **enquanto** é fruto da recategorização:

Preposição + pronome > conjunção

Pode-se supor que, inicialmente, a preposição **em** tenha sido empregada precedendo o indefinido **quanto**, seguido do substantivo **tempo**, constituindo o SP **em quanto tempo**, para indicar um limite no tempo, e que, posteriormente, com o apagamento do substantivo, a preposição tenha se justaposta ao pronome e constituído a conjunção.

Admitindo-se o apagamento do substantivo **tempo**, pode-se ainda afirmar ter havido um processo metafórico que determinou que **em quanto** (tempo), por influência do conteúdo semântico do substantivo, viesse, como conjunção, a expressar uma relação de tempo e a reanálise que reinterpretou **em quanto** (tempo) como um item conjuncional. Houve, pois, a passagem de um sentido [+ concreto], ‘**em quanto tempo**’ para um [- concreto], que expressa a relação de tempo concomitante, e a trajetória:

TEMPO > TEXTO

pois, foi com a possibilidade de expressar no SP, uma relação temporal, que a preposição juntou-se ao pronome, dando origem à conjunção.

A conjunção **enquanto** coocorreu, nos sécs. XIII e XIV, com a conjunção **mentre** ~ **mentre que** ~ **dementre** ~ **dementre que** de idêntico teor semântico, o que provavelmente, contribuiu, para que uma das duas conjunções fosse eliminada e a outra permanecesse na língua.

No português falado do Brasil e de Portugal, é comum o emprego da conjunção **enquanto que**. Dias (1954: 291) afirma que as conjunções **emquanto**, **entanto** e **entretanto que**, serviam freqüentemente para exprimir um contraste, como em:

*É que nós conhecemos a vida publica dos visigodos e não a sua intima, **emquanto** os seculos da Hespanha restaurada revelam-nos a Segunda com mais individuação e verdade que a primeira.*

Com esse sentido, a forma **enquanto** não foi detectada nos documentos que constituíram o *corpus* desta pesquisa. Pode-se supor, contudo, que, devido à semelhança da forma, **enquanto** alternasse com **emtanto** e **entretanto que** e indicasse, esporadicamente, uma relação de contração, como ainda hoje indica:

Eu estudo, enquanto ele só sabe brincar.

Em virtude de existirem, na história do português, itens conjuncionais que, originalmente associados à conjunção **que**, passaram a ser empregados sem essa conjunção, como:

mentre que	>	mentre
caso que	>	caso

pode-se supor que a forma **enquanto que** seja uma forma mais antiga, conservada na língua falada, embora seja também viável admitir que, modernamente, a conjunção esteja sendo reforçada pelo item conjuncional **que**, índice subordinativo por excelência, por analogia a muitos outros itens conjuncionais da língua.

Nos documentos do séc. XVIII, nota-se, além do emprego do **enquanto** ou da sua variante **em quanto** como conjunção, o emprego da forma **enquanto**, no plural, significando ‘quanto aos’: o emprego dessas variantes seguidas ou não da preposição **a**, significando **quanto**’.

Levantou-se, assim, a hipótese de que a locução prepositiva **quanto a** seja uma redução da forma **em quanto a**, fato que está sendo pesquisado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARBOSA, Afranio Goncalves. (1999). *Para uma história do português colonial: aspectos lingüísticos em Cartas de Comércio*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro (inédita).
- BARRETO, Therezinha Maria Mello. (1999). *Gramaticalização das conjunções na história do português*. Salvador. UFBA. Tese de Doutorado em Letras.
- CASTILHO, Ataliba Teixeira de. (1997a). A gramaticalização. *Estudos Linguísticos e Literários*. Salvador. n. 19, UFBA. p. 25-64.
- CASTILHO, Ataliba Teixeira de. (1997b). Língua falada e gramaticalização. *Filologia e Lingüística Portuguesa*, São Paulo, n. 1, p. 107-20.
- COROMINAS, Joan. (1991). *Diccionario crítico etimológico de la lengua castellana*. Madrid: Gredos, 4 v.
- HEINE, Bernd, CLAUDI, Ulrike, HÜNNEMEYER, Frederike. (1991). *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago/London: The University of Chicago Press.
- HEINE, B. (ed.). *Approaches to grammaticalization*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins. v. 1, p. 17-36.
- HUBER, Joseph. (1986). *Gramática do português antigo*. Trad. de Maria Manuela Gouveia Delille. Lisboa: Calouste Gulbenkian.
- MACHADO, José Pedro. (1967). *Diccionario etimológico da língua portuguesa*. 3. ed. Lisboa: Confluência, 3 v.
- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. (1984). Pero e porém: mudanças em curso na fase arcaica da língua portuguesa. *Boletim de Filologia*. Lisboa, v. 29p., 129-151.
- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. (1989). *Estruturas trecentistas: elementos para uma gramática do português arcaico*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda.